

O conceito de interpretação no referencial metodológico da hermenêutica de profundidade de John Thompson

The concept of interpretation in the methodological framework of John Thompson's depth hermeneutics

Keyse Caldeira de Aquino MACEDO¹
José Carlos FERNANDES²

Resumo

Este artigo pretende discutir a utilização do conceito de interpretação no referencial metodológico da hermenêutica de profundidade, proposto pelo sociólogo britânico John Thompson. Para tanto, além do aprofundamento no arcabouço conceitual apresentado pelo autor, recorreremos às obras de filósofos, como Paul Ricouer e Martin Heidegger, que nortearam o trabalho de Thompson quanto à demonstração de que a hermenêutica pode oferecer tanto uma reflexão filosófica sobre o ser e a compreensão, como reflexão metodológica sobre a natureza e as tarefas da interpretação na pesquisa social. O desafio teórico-metodológico de Thompson foi situar a complexidade dos contextos sócio-históricos na análise de territórios pré-interpretados, a exemplo de produtos de meios de comunicação de massa.

Palavras-chave: Interpretação. Hermenêutica de profundidade. John Thompson.

Abstract

This article intends to discuss the use of the concept of interpretation in the methodological framework of Depth Hermeneutics, proposed by the British sociologist John Thompson. Therefore, in addition to deepening the conceptual framework presented by the author, we seek to the works of philosophers such as Paul Ricouer and Martin Heidegger, who guided Thompson's work in terms of demonstrating that hermeneutics can offer both a philosophical reflection on being and understanding, as a methodological reflection on the nature and tasks of interpretation in social research. Thompson's theoretical-methodological challenge was to situate the complexity of socio-historical contexts in the analysis of pre-interpreted territories, such as mass media products.

Keywords: Interpretation. Depth Hermeneutics. John Thompson.

¹ Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES.
Email: keysecaldeira@gmail.com

² Doutor em Estudos Literários pela UFPR. Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR. Vice líder do Grupo de Pesquisa Click – Comunicação e Cultura Ciber. Email: zeca@ufpr.br

Introdução

O conceito de interpretação possui um papel central no referencial metodológico da hermenêutica de profundidade (HP), proposto pelo sociólogo britânico John Thompson (1991/2011). Para o autor, os processos de compreensão e interpretação devem ser levados em conta não como uma dimensão metodológica, mas como uma dimensão complementar e indispensável aos processos. Thompson reitera que em todas as disciplinas, em qualquer campo de investigação, são levantados problemas de compreensão e interpretação – cabendo recordar que a tradição da hermenêutica indica que, no caso da investigação social, a constelação de problemas difere da que compõe as ciências naturais, uma vez que na investigação social o objeto é um território pré-interpretado (THOMPSON, 2011, p. 358).

Thompson nos coloca que o mundo sócio-histórico não se trata de um campo-objeto, sendo também um campo-sujeito constituído, em parte, por sujeitos que se mostram preocupados em compreender a si e aos outros, em interpretar as ações, falas e acontecimentos da vida cotidiana. Diante desse cenário, pretendemos neste artigo destrinchar o conceito de interpretação presente na proposta metodológica do sociólogo britânico, assim como compreender e tencionar a aplicação na análise de produtos de meios de comunicação de massa, defendida pelo autor.

Thompson se norteia pela obra de Paul Ricoeur (construída mediante as intuições de Heidegger e Gadamer) quanto à demonstração de que a hermenêutica pode oferecer tanto uma reflexão filosófica sobre o ser e a compreensão, como uma reflexão metodológica sobre a natureza e as tarefas da interpretação na pesquisa social. Essa trajetória de reflexão é o que Ricoeur e outros denominam “hermenêutica de profundidade (HP)”. Nesse contexto, Thompson esclarece que a ideia subjacente à HP se refere ao processo de interpretação, que pode ser mediado por uma gama de métodos explanatórios ou objetivantes. Por essa razão, o autor acredita que os termos ‘explanação’ e ‘interpretação’ não deveriam ser considerados como mutuamente exclusivos ou radicalmente antitéticos. “(...) Antes, podem ser tratados como momentos complementares dentro de uma teoria compreensiva interpretativa, como passos que se apoiam mutuamente ao longo de um ‘único arco hermenêutico’” (THOMPSON, 2011, p. 362).

O autor britânico argumenta que apesar de concordar com os objetivos gerais da obra de Ricoeur, o marco referencial metodológico desenvolvido por Thompson difere do entendimento de Ricoeur sobre a hermenêutica de profundidade. Ricoeur enfatiza a “autonomia semântica do texto”, abstraindo as condições sócio-históricas em que os textos são produzidos ou recebidos.

Reflexão filosófica e metodológica

A teoria da interpretação de Ricoeur (1987/2019), sob a ótica da dialética da explicação e compreensão, provê a análise da escrita como contrapartida do texto enquanto obra do discurso. Considera que o ato de ler representa a contrapartida do ato de escrever (a dialética do evento e significação), gerando uma dialética correlativa na leitura entre a compreensão (*Verstehen*) e a explicação (*Erklären*).

Para Ricoeur, a interpretação é um caso particular de compreensão, aplicada às expressões escritas da vida e a todo o processo que abrange a explicação e a compreensão. “O texto é mudo. Entre o texto e o leitor estabelece-se uma relação assimétrica na qual apenas um dos parceiros fala pelos dois. O texto é como uma partitura musical e o leitor como maestro que segue as instruções da notação” (RICOEUR, 1987/2019, p. 104-106).

(...) A hermenêutica, tal como deriva de Schleiermacher e Dilthey, tendeu a identificar a interpretação como categoria de ‘compreensão’ e a definir a compreensão como o reconhecimento da intenção de um autor do ponto de vista dos endereçados primitivos, na situação original do discurso. A prioridade concedida à intenção do autor e ao auditório original tendia, por seu turno, a fazer do diálogo o modelo de toda a situação de compreensão, por conseguinte, a impor o enquadramento da intersubjectividade sobre a hermenêutica. Compreender um texto é, pois, apenas um caso particular da situação dialógica em que alguém responde a mais alguém (RICOEUR, 1987/2019, p. 38).

Ricoeur estabelece como uma das dimensões da noção de texto uma questão conhecida da hermenêutica tradicional – o problema da apropriação (*Aneignung*) ou da aplicação (*Anwendung*) do texto em relação à situação do locutor. A apropriação neste contexto está dialeticamente relacionada ao distanciamento típico da escrita. Seria a apropriação como compreensão pela distância, a distância. No próximo nível, a apropriação está dialeticamente conectada à objetivação típica da obra – respondendo ao

sentido e não ao autor. O filósofo atribui a esse nível, provavelmente, que a mediação operada pelo texto permita-se compreender melhor (RICOEUR, 2013, p.67).

O filósofo ressalta o caráter *vis a vis* da apropriação quanto ao que Gadamer intitula ‘a coisa do texto’ e que Ricoeur nomeia de ‘o mundo da obra’. Ricoeur coloca aquilo que finalmente se apropria como proposição do mundo e que não está atrás do texto (como intenção oculta), mas diante dele.

Por conseguinte, compreender é compreender-se diante do texto. Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um *si* mais amplo, que seria a proposição de existência respondendo, da maneira mais apropriada possível, à proposição do mundo. A compreensão torna-se, então, o contrário de uma constituição de que o sujeito teria a chave. A este respeito, seria mais justo dizer que o *si* é constituído pela ‘coisa’ do texto (RICOEUR, 2013, p. 68).

Citando Martin Heidegger como o autor que estabeleceu a importância de se enxergar o processo de compreensão, não como procedimento especializado, mas como característica essencial do ser humano, Thompson reforça que para o filósofo alemão o ato de compreender é algo que fazemos corriqueiramente e os procedimentos mais especializados de interpretação empregados pelos analistas sociais consideram como dadas, trabalhando sobre bases preestabelecidas da compreensão cotidiana (THOMPSON, 2011, p. 359).

Assim, quando os analistas sociais procuram interpretar uma forma simbólica, por exemplo, eles estão procurando interpretar um objeto que pode ser, ele mesmo, uma interpretação, e que pode já ter sido interpretado pelos sujeitos que constroem o campo-objeto, da qual a forma simbólica é parte. Os analistas estão oferecendo uma interpretação da interpretação, estão re-interpretando um campo pré-interpretado; (...) (idem).

Heidegger (2005) define que na compreensão, a presença projeta seu ser para possibilidades, as quais são um “poder-ser” que repercute sobre a presença enquanto aberturas. “O projetar da compreensão possui possibilidade própria de se elaborar em formas. Chamamos de interpretação essa elaboração. Nela, a compreensão se apropria do que compreende. Na interpretação, a compreensão se torna ela mesma e não outra coisa.” O filósofo argumenta que a interpretação se funda na compreensão e não o inverso. “Interpretar não é tomar conhecimento de que se compreendeu, mas elaborar as

possibilidades projetadas da compreensão.” Heidegger cita o “como” – estrutura da explicitação do compreendido, constituindo a interpretação (HEIDEGGER, 2005, p. 204).

Tudo o que está a mão sempre já se compreende a partir da totalidade conjuntural. Esta, no entanto, não precisa ser apreendida explicitamente numa interpretação temática. Mesmo quando sofre uma interpretação, ela se recolhe novamente numa compreensão implícita. E é justamente nesse modo que ela se torna fundamento essencial da interpretação cotidiana da circunvisão. (...) A apropriação do compreendido, embora ainda estranhamente, sempre cumpre o desentranhamento guiada por uma visão que fixa parâmetro em função do qual o compreendido há de ser interpretado. A interpretação sempre se funda numa visão prévia, que ‘recorta’ o que foi assumido na posição prévia, segundo uma possibilidade determinada de interpretação. O compreendido, estabelecido numa posição prévia e encarado numa ‘visão previdente’ (*vorsichtig*), torna-se conceito através da interpretação (HEIDEGGER, 2006, p. 206/207).

Ao conceituar, Heidegger considera que a interpretação está calcada numa posição prévia, visão prévia e concepção prévia. Em todo o princípio de interpretação, explica o autor, apresenta-se como sendo algo que a interpretação necessariamente já ‘põe’ (dado na posição prévia, visão prévia e concepção prévia). Nesse bojo, cabe citar que Heidegger chama de sentido como aquilo que se articula na abertura da compreensão. Para o autor, o conceito de sentido abarca o aparelhamento formal do que pertence necessariamente ao que é articulado pela interpretação que compreende. Ou seja, é a perspectiva na qual se estrutura o projeto pela posição prévia, visão prévia e concepção prévia, sendo “a partir dela que algo se torna compreensível como algo” (HEIDEGGER, 2005, p. 208).

Para Thompson, o enfoque da hermenêutica de profundidade se atém sobre uma elucidação dos modos como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que as produzem e as recebem em suas vidas cotidianas, sendo visto um momento etnográfico como estágio preliminar indispensável ao enfoque da HP. Por meio de observação participante, entrevistas e outros tipos de pesquisa etnográfica, é possível reconstruir o modo como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas nos diversos contextos da vida social, explica Thompson.

É evidente que essa reconstrução é, ela própria, um processo interpretativo; é uma interpretação do entendimento cotidiano – ou, como denominarei, uma *interpretação da doxa*, uma interpretação das opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social (THOMPSON, 2011, p. 364).

Thompson defende a importância de se fazer a *interpretação da doxa*, sendo que um grande número de autores se baseou na filosofia de Wittgenstein, nos escritos fenomenológicos de Husserl e Schutz, e no enfoque etnometodológico de Garfinkel, Cicourel. No entanto, Thompson ressalta o fato de a interpretação da *doxa* ser um ponto de partida indispensável da análise e não o fim da história.

O autor critica que o problema de boa parte dos trabalhos baseados na filosofia, fenomenologia e etnometodologia de Wittgenstein – quando enfatiza de modo correto a importância da interpretação da *doxa*, raramente se vai além deste nível de análise. “A preocupação exclusiva com a interpretação da *doxa* é tão enganadora como o erro de se não tomar em conta essa dimensão. Para evitar esse perigo, devemos fazer o que eu descreveria como uma ruptura metodológica com a hermenêutica da vida cotidiana” (THOMPSON, 2011, p. 364).

A partir desse ponto, Thompson expõe as três fases do enfoque da hermenêutica de profundidade: análise sócio-histórica; análise formal ou discursiva; e interpretação/re-interpretação. O autor estabelece para a análise dos contextos sócio-históricos cinco níveis de análise: situações espaço-temporais; campos de interação; instituições sociais; estrutura social; meios técnicos de transmissão. “O objetivo da análise sócio-histórica é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas”. Dentre os níveis, destaca-se, no caso dos meios de comunicação de massa, as “instituições sociais”, situadas por Thompson dentro do campo de interação, aos quais dão forma por meio da fixação de uma gama de posições e trajetórias. “Analisar as instituições sociais é reconstruir os conjuntos de regras, recursos e relações que as constituem, é traçar seu desenvolvimento através do tempo e examinar as práticas e atitudes das pessoas que agem a seu favor e dentro delas” (THOMPSON, 2011, p. 367).

Na segunda fase do enfoque da hermenêutica de profundidade, Thompson indica que embora as instâncias do discurso estejam sempre situadas em contextos sócio-históricas particulares, também possuem características e relações estruturais que podem ser analisadas formalmente por meio dos métodos aos quais chamou de “análise

discursiva”. Aqui focaremos na conceituação utilizada por Thompson para descrever a terceira fase, a da interpretação.

Distinguindo das demais fases, Thompson aponta a fase de interpretação como a mais facilitada pelos métodos da análise formal ou discursiva. Para o autor, a interpretação se constrói sobre a análise formal ou discursiva, assim como sobre os resultados da análise sócio-histórica. No entanto, a interpretação demanda um movimento novo de pensamento, decorre de síntese, por construção criativa de possíveis significados, pontua o autor (THOMPSON, 2011, p. 375).

Por mais rigorosos e sistemáticos que os métodos da análise formal ou discursiva possam ser, eles não podem abolir a necessidade de uma construção criativa do significado, isto é, de uma explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito. As formas simbólicas ou discursivas possuem o que eu descrevi como ‘aspecto referencial’, elas são construções que tipicamente representam algo, referem-se a algo, dizem alguma coisa sobre algo. É esse aspecto referencial que procuramos compreender no processo de interpretação. (idem)

O autor discorre que o processo de interpretação vai além dos métodos da análise sócio-histórica e da análise formal ou discursiva. Nesse caso, transcende a contextualização das formas simbólicas tratadas como produtos socialmente situados ou como estruturas articuladas. Ele destaca as formas simbólicas representando algo, sendo que esse caráter transcendente precisa ser compreendido no processo de interpretação.

Nos estudos de Thompson, o processo de interpretação, mediado pelos métodos dos enfoques da HP, é também um processo de reinterpretação – diante do argumento de que as formas simbólicas que são o objeto de interpretação fazem parte de um campo pré-interpretado (já são interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico). Levando em conta esse argumento, o autor sustenta que estamos projetando um significado possível que pode divergir do significado construído pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico.

Como as formas simbólicas podem ser interpretadas, além das condições sócio-históricas, mas em suas características estruturais internas, poderiam ser reinterpretadas. Diante de uma reinterpretação de um campo objetivo pré-interpretado, o processo de interpretação se torna arriscado, conflituoso e aberto à discussão, alerta Thompson. É nesta possibilidade de conflito de interpretações que o autor defende seu espaço metodológico como o potencial crítico da interpretação.

A interpretação em profundidade torna-se uma intervenção potencial nas próprias circunstâncias sobre as quais ela foi formulada. Uma interpretação em profundidade é, ela mesma, uma construção simbólica, capaz, em princípio, de ser compreendida por sujeitos inseridos nas circunstâncias que formam, em parte, o objeto de interpretação. Como uma interpretação que pode diferir de seu próprio entendimento cotidiano, a interpretação em profundidade pode possibilitar que eles se vejam a si mesmos diferentemente; pode possibilitar que reinterpretem uma forma simbólica relacionada às circunstâncias de sua produção e recepção; que questionem ou revisem seu entendimento anterior e sua avaliação primeira da forma simbólica e, em geral, pode possibilitar a alteração dos horizontes de seu entendimento para si mesmos e para os outros (THOMPSON, 2011, p. 414).

Apesar de Thompson ter argumentado que o processo de interpretação traga a possibilidade da transformação interpretativa da *doxa*, isso não significa necessariamente que tal transformação seja condição de plausibilidade de uma interpretação em jogo. O autor explica que o processo de interpretação não impõe a transformação interpretativa da *doxa*, uma vez que uma interpretação em profundidade pode não instigar um processo de autorreflexão crítica sobre a compreensão do cotidiano. Thompson propõe, por meio de enfoque fundamentado na hermenêutica, o estudo das formas simbólicas e como este enfoque pode ser utilizado na interpretação da ideologia e na análise dos meios de comunicação de massa (THOMPSON, 2011, p. 414/417).

Nesse contexto, apesar de não nos aprofundarmos neste tópico em específico, nos cabe citar que a visão de Thompson quanto à tarefa de interpretação da ideologia examina as interconexões entre o significado das formas simbólicas e as relações de dominação em determinados contextos. Por se tratar de uma versão do procedimento da hermenêutica de profundidade, a interpretação da ideologia para o autor está centrada nas fases da análise sócio-históricas e da análise formal ou discursiva. No entanto, Thompson destaca o desenvolvimento de uma interpretação, que vai além dessas fases citadas acima, ao alçar uma proposição criativa e sintética quanto às inter-relações entre significado e poder.

Veronese e Guareschi (2006), este último o responsável pela equipe que traduziu a obra *Ideologia e cultura moderna*, de Thompson, reforçam a interpretação da ideologia em uma dimensão crítica de como o sentido opera para estabelecer e manter as relações de dominação. Para os autores, a interpretação da *doxa* está baseada na hermenêutica da vida cotidiana – em uma avaliação criteriosa sobre o entendimento da realidade cotidiana.

Esse seria apenas o ponto de partida, definido por Thompson como um “momento etnográfico” para reconstruir a percepção da realidade ao redor, as opiniões, crenças e compreensões (VERONESE; GUARESCHI, 2006).

Considerações finais

A contribuição de Thompson, em sua proposta metodológica da hermenêutica de profundidade, ao detalhar conceitos centrais, como o da interpretação, nos faz refletir o quanto no caso da investigação social observamos territórios pré-interpretados, distintos das ciências naturais. Territórios pré-interpretados que carecem do olhar aos contextos sócio-históricos do objeto no intuito de se alçar análises mais completas e aprofundadas em seus respectivos cenários.

A perspectiva do sociólogo britânico quanto aos objetos referentes aos meios de comunicação de massa nos oferece possibilidades mais abrangentes de análise da apropriação cotidiana dos produtos midiáticos. Ou seja, nos instiga a compreender e interpretar diversos aspectos dentro de um contexto, o que pode representar e estimular análises mais ricas e completas de um objeto.

Ao expor o modo como os analistas sociais interpretam uma forma simbólica, oferecendo uma ‘interpretação da interpretação’ ou ‘re-interpretando’ um campo pré-interpretado; Thompson busca em Heidegger estabelecer a relevância quanto ao processo de compreensão, visto como característica essencial do ser humano. Nesse bojo, torna-se vital para os analistas sociais a linha fundamentada por Heidegger de que interpretar não seria só tomar conhecimento a cerca do que se compreendeu, mas sim vislumbrar possibilidades projetadas da compreensão.

Ao se analisar objetos relacionados aos meios de comunicação de massa, consideramos primordial essa elaboração das possibilidades projetadas da compreensão, tendo em vista que a interpretação se funda na compreensão e não o inverso, como conceitua Heidegger.

Como citamos, o processo interpretativo complexo da hermenêutica de profundidade de Thompson está respaldada nos trabalhos de Paul Ricoeur, sendo um dos pontos divergentes seria quanto ao posicionamento de Ricoeur sobre a HP ao defender a “autonomia semântica do texto”, dispensando as condições sócio-históricas em que os textos são produzidos. Aqui ponderamos haver um ponto de virada substancial na obra

de Thompson, principalmente no que se refere à estruturação metodológica das análises de produtos provenientes dos meios de comunicação de massa.

Referências

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo** – Parte 1. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 1987/2019.

RICOEUR, Paul. **Hermenêutica e ideologias**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VERONESE, Marília; GUARESCHI, Pedrinho. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, n.2, v. 42, p. 85-93, maio/ago, 2006.